

GABRIELLE OLIVIERI DE PAIVA

WORK AND TRAVEL:
UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

UFRJ/CFCH/ECO

Gabrielle Olivieri de Paiva

WORK AND TRAVEL: uma experiência de vida

Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Escola de Comunicação,
Graduação em Comunicação Social,
Habilitação em Radialismo

Orientador: Prof. Fernando Salis
Doutor em Comunicação

Rio de Janeiro

2007

P149w

Paiva, Gabrielle Olivieri de, 1984 - .

Work and travel: uma experiência de vida / Gabrielle Olivieri de Paiva. Rio de Janeiro, 2007.

.... p. ;cm

Relatório técnico (Graduação em Comunicação Social) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Comunicação, 2007

Orientador:

1. Viagens. 2. Turismo na Florida. I. Título.

CDD: 917.5904/63

Gabrielle Olivieri de Paiva

WORK AND TRAVEL: uma experiência de vida

Relatório técnico submetido à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Radialismo.

Rio de Janeiro, 11 de julho de 2007

Prof. Dr. Fernando Salis, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Maurício Lissovsky, ECO/UFRJ

Prof. Dr. Fernando Fragoso, ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Fátima Fernandes, ECO/UFRJ

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha família por sempre estar presente em minha vida, mesmo quando a quilômetros de distância. Minha mãe, que sempre incentivou e apoiou mesmo quando não concordava com uma só palavra do que eu estava dizendo. Minha irmã Carolina, por sempre me dar a mão para ajudar a perceber que o caminho não é tão nebuloso. Meu irmão, que sempre me faz perceber o lado engraçado da vida. Meu pai, que sempre esteve presente das maneiras mais improváveis. Minha avó, Romilda, que sempre acreditou no potencial de seus netos, e por me ajudar a consolidar em mim o referencial de tudo o que uma mulher deve ser.

Aos amigos de curso, companheiros sem os quais a jornada tornaria-se impossível, Josiane Villasboas, Leonardo Honório, Gustavo Scofano, Ana Karina Veiga. Em especial à Denise Taveira, por ser a maior parceira, apesar das divergências, e me ajudar a controlar minha indisciplina e megalomania, e Sirleine Gentil, pelo incentivo em todos os campos da minha vida.

Aos irmãos de intercâmbio, pela paciência em colaborar com essas entrevistas. Sem a sua presença, esse trabalho não seria possível. A Fernando Aguiar e Vitor Santos, por serem a melhor companhia que uma pessoa poderia ter em todos os momentos e situações, mesmo as mais turbulentas.

Agradeço a todos pela paciência e por poder chamá-los de amigo.

RESUMO

PAIVA, Gabrielle Olivieri de. **Work and Travel: uma experiência de vida.** Orientador: Fernando Salis. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO; CFCH, 2004. Relatório Técnico (Bacharelado em Comunicação Social).

Esse trabalho tem como objetivo aprofundar os conhecimentos em audiovisual obtidos durante o curso, aliando o estilo das obras de documentário a um tema bastante atual e interessante como a experiência de jovens de nível universitário que optam por fazer esse tipo de intercâmbio, se expondo a uma realidade diferente da sua. No vídeo, esses jovens expõem seus pontos de vista e experiências, compartilhando acontecimentos que certamente mudaram suas vidas e forma de encarar o mundo.

Palavras-chave: 1. Viagens. 2. Turismo na Flórida. I. Título

ABSTRACT

PAIVA, Gabrielle Olivieri de. **Work and Travel: uma experiência de vida.** Orientador: Fernando Salis. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO; CFCH, 2004. Relatório Técnico (Bacharelado em Comunicação Social).

This film intend to grow the knowledge in audiovisual active during the radialismo course, adding the documentary stile to a very contemporary and interesting subject, as the work experience of young college guys who chose to do this kind of exchange program, exposing themselves to a reality different of the one that they belong. In this video, those students expose their points of view and experiences, sharing facts that change their lives and world perspectives for sure.

Key words: 1. Travel. 2. Tourism in Florida. I. Title

LISTA DE QUADROS

| | |
|--------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Orçamento de produção | 20 |
| Quadro 2 – Orçamento de pós-produção | 34 |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--------------------------------------|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 | Escolha de Formato | 9 |
| 1.2 | Objetivos | 10 |
| 1.3 | Justificativas | 11 |
| 1.4 | O estilo documental | 11 |
| | | |
| 2 | CONTEXTO REFERENCIAL | 14 |
| 2.1 | O Intercâmbio de Trabalho | 14 |
| | | |
| 3 | O PROCESSO DE PRODUÇÃO | 18 |
| 3.1 | Aspectos Operacionais | 18 |
| 3.1.1 | Recursos | 18 |
| 3.1.2 | Cronograma | 20 |
| 3.2 | A Pré-produção | 21 |
| 3.2.1 | A Escolha do Tema | 22 |
| 3.3 | A Produção | 23 |
| 3.3.1 | A Escolha do Equipamento | 23 |
| 3.3.2 | Escolha das Personagens | 24 |
| 3.3.2.1 | As Entrevistas com Nathália | 25 |
| 3.3.2.1.1 | Primeiro dia de gravação | 26 |
| 3.3.2.1.2 | Segundo dia de gravação | 27 |
| 3.3.2.2 | As Entrevistas com Renata | 28 |
| 3.3.2.2.1 | O primeiro e segundo dia de gravação | 28 |

| | | |
|------------|--------------------------------|-----------|
| 3.3.2.3 | As Entrevistas com Fernando | 29 |
| 3.3.2.3.1 | Primeiro dia de gravação | 29 |
| 3.4 | A Pós-produção | 30 |
| 3.4.1 | Decupagem | 30 |
| 3.4.2 | Montagem, edição e finalização | 30 |
| 3.4.2.1 | A edição da trilha sonora | 32 |
| 3.4.3 | Orçamento de pós-produção | 33 |
| 4 | CONCLUSÃO | 35 |
| 5 | REFERÊNCIAS | 38 |

1 INTRODUÇÃO

Work and Travel é um vídeo documentário de curta-metragem que visa retratar a experiência vivida pelos estudantes universitários que fazem intercâmbio de trabalho sob a ótica de outra intercambista.

1.1 Escolha de Formato

Com esse trabalho exploram-se os conhecimentos adquiridos através de curso, por meio de uma peça audiovisual. O formato escolhido foi o documentário, com a intenção de explorar e aprofundar os conhecimentos na área, através de uma pesquisa teórica e também com a prática.

Neste trabalho apresentam-se ao público alegrias, medos, angústias, expectativas e decepções que um participante de intercâmbio de trabalho no exterior pode vivenciar.

Apesar de tratar-se essencialmente de um filme de viagem, a linguagem é similar àquelas usadas em projetos como “*Babilônia 2000*” e “*Santa Marta*”, ambas peças audiovisuais de cunho documental e de autoria do cineasta Eduardo Coutinho. A identificação com a relação entre Coutinho e seus entrevistados apresentadas nestas obras serviram de motivação para o projeto, inspirando a elaboração desse trabalho com seu modelo de entrevistas.

Ao apostar na estética das entrevistas, Coutinho investe nas possibilidades que os depoimentos possam vir a ter. É o cinema da palavra filmada, onde os envolvidos têm liberdade de criar suas próprias narrativas, já que tem total liberdade para contar suas histórias. (LINS, 2004)

Outro fator determinante para escolha do formato e do tema: a busca da

aluna por um tema que pudesse ser trabalhado durante o período de seu intercâmbio (com o maior nível de independência possível), já que não seria possível contar com uma equipe para a execução da produção do projeto. A ajuda de uma equipe só coube na pós-produção, quando pôde contar com auxílio nas escolhas para a edição.

O formato escolhido para a peça é o de curta metragem. Como o filme se destina aos estudantes universitários, o público alvo deste tipo de programa de intercâmbio, o formato evita que a trama fique com um ritmo arrastado, o que poderia causar perda de interesse pelo filme durante sua exibição. Além disso, permitiria a inclusão do projeto em festivais de curta, servindo como estratégia de divulgação, o que determinou a escolha final.

1.2 OBJETIVOS

O objetivo desse trabalho é retratar e expor a rotina que esse tipo de intercambista passa, desconhecida daqueles que nunca passaram por tal experiência. Questões como saudade, distância de casa e dos familiares e as altas cargas horárias a que são submetidos esses intercambistas são abordadas nesse filme.

Além disso, pretende-se com o filme mostrar a complexidade das emoções vivenciadas por eles, que optam por viver por longos períodos longe de suas famílias, trabalhando em um país com cultura e hábitos diferentes, na companhia de novos amigos, em uma cultura muito diferente daquela de sua sociedade de origem.

1.3 JUSTIFICATIVAS

O desenvolvimento deste filme documentário justifica-se pela vontade de aprofundamento dos conhecimentos deste gênero de obra audiovisual. Além disso, a escolha do tema deve-se ao fato de ter vivenciado esse tipo de experiência, ter sido também um destes intercambistas.

Com a história apresentada pelas personagens desse filme, é possível contar um pouco a sua. Além disso, o projeto permitiu sua realização mesmo fora da cidade de origem, longe dos recursos da Escola de Comunicação.

Desta forma, a escolha do cinema documentário de entrevista deve-se ao fato de que foi essa a maneira encontrada para se adiantar o processo, já que o documentário de entrevista propicia uma maior independência. Além disso, foi possível pôr em prática ainda durante a viagem, adiantando o processo de confecção do projeto.

1.3 O gênero documental

Entende-se documentário como a representação do mundo em que vivemos, através de um argumento que representa o ponto de vista que o autor deseja expôr aos espectadores. (NICHOLS *apud* DA-RIN, 2004)

Segundo Bill Nichols (NICHOLS, 2005), o cinema documentário poderia ser dividido em seis diferentes sub-gêneros, levando-se em conta diferentes aspectos das obras produzidas, entre eles: o sub-gênero poético, o expositivo, o participativo, o observacional, o reflexivo, e o performático.

O modelo de classificação não significa que uma obra esteja ligada a um único sub-gênero. Mesmo que a presença de um deles esteja mais presente e

marcante, é possível observar a influência e características de outros gêneros em uma mesma obra. (NICHOLS, 2005)

O estilo poético reuniria uma série de imagens e sons. Mais preocupado com a estética dessas imagens do que com um conteúdo narrativo linear, o que, em alguns casos, poderia tornar algumas obras abstratas demais, enquanto que o expositivo (ou descritivo) buscaria trabalhar a edição das imagens a partir de um texto em off previamente escolhido, submetendo a imagem à palavra. (NICHOLS, 2005)

Os filmes reflexivos questionariam-se enquanto linguagem e capacidade do estilo documental de se pretender uma narrativa do real, utilizando-se muito de metalinguagem. Já o performático trabalharia pontos de vista subjetivos de algum discurso que poderia ser tratado de forma objetiva, endereçando perspectivas de identidade diferentes das dominantes, utilizando, inclusive reencenações e performances. (NICHOLS, 2005)

O cinema observacional se pretende uma testemunha de um acontecimento, pretendendo-se meramente descritivo, como um registro do real, enquanto que os adeptos do cinema participativo entendem que a presença da câmera em si interferiria no real a ser registrado. Com isso, a presença do cineasta e sua interferência ficariam explícitas, tendo o cineasta um papel de interação com os entrevistados.

Sabe-se, desde o começo que aquela verdade que ali será exposta só existe perante a presença da câmera. A própria entrevista seria resultado de uma negociação prévia entre entrevistador e entrevistado.

No presente trabalho, embora se dê a observação de algumas características do estilo observacional, é possível destacar uma maior influência do estilo de

documentário participativo. Entende-se que, nesse gênero de documentário, o filme resultaria da reflexão da inserção da autor em uma realidade diferente, buscando relatar, através da fala de outros, como seria estar desempenhando aquele papel. Ele se apropria dessas vozes para contar sua própria história, já que se encontra na mesma situação daqueles presentes no filme. (NICHOLS, 2005)

Apesar de se pretender um outro ator social do filme, o cineasta estaria em uma outra escala na hierarquia do poder, já que ele opera a câmera e a edição. É ele quem representa um papel de provocador nas entrevistas, tendo voz ativa junto aos entrevistados. (NICHOLS, 2005)

Diferentemente do estilo observacional, o autor se insere em tal realidade, ele também a experimenta. Seu olhar não é o olhar isento de uma testemunha. Neste documentário, buscou-se tratar de questões consideradas de abordagem interessantes , com um olhar que só quem também as vivenciou poderia tratar.

2. CONTEXTO REFERENCIAL

Devido ao acirramento da competição por uma vaga no mercado de trabalho, cada vez mais os jovens precisam buscar alternativas que os diferenciem dos demais concorrentes. Boa formação acadêmica e cursos de especialização já não são garantia de um bom emprego.

Em busca de uma alternativa, a cada ano cresce o número de estudantes que optam por passar suas férias escolares trabalhando no exterior, em busca de melhorar a fluência em um idioma estrangeiro e obter experiência em outra cultura, qualidades potencialmente muito valorizadas pelo mercado.

Busca-se com esse trabalho, por meio do formato de entrevistas, demonstrar um pouco da realidade desses jovens que optam por viver essa aventura, desconstruindo imagens idealizadas, expondo suas origens e experiências através de suas próprias palavras, já que cada pessoa estaria em busca de “ser ouvida em sua singularidade”. (COUTINHO *apud* LINS, 2004)

2.1 O intercâmbio de trabalho

Existem cerca de 10 modalidades de intercâmbio oferecidos pelas agências brasileiras que enviam jovens ao exterior. A modalidade que mais tem crescido em número de participantes nos últimos anos é o intercâmbio de trabalho, ou Work and Travel, modalidade em que estudantes tem a oportunidade trabalhar legalmente em outro país.

Segundo Marques (2007) em reportagem à revista Istoé, nos últimos cinco anos o Brasil teria alcançado o quarto lugar no ranking de países com maior número de participantes de intercâmbio. Enviou mais de 70 mil de estudantes no ano

passado e apresenta uma expectativa de ultrapassar a casa dos 94 mil esse ano, ficando atrás do Japão, da Espanha e da Alemanha somente.

O principal destino seria os Estados Unidos e, até bem pouco tempo, o programa que mais atraía os jovens era o High School (modalidade em que estudantes podem frequentar o equivalente americano ao nosso ensino médio, hospedando-se em casa de família por um período de até 12 meses). Nos últimos cinco anos, o intercâmbio de trabalho vem se destacando em número de participantes. (MARQUES, 2007)

Um dos motivos para o crescimento desse tipo de programa foi o ataque às Torres Gêmeas em setembro de 2001, quando, após investigações constatou-se que alguns dos terroristas havia chegado ao país com vistos de estudante, o que fez com que o país criasse novos critérios para obtenção de visto. Outro fator foi o crescimento da tendência de combate à presença de trabalhadores ilegais. Isto veio a criar vagas temporárias, que poderiam ser ocupadas por esses intercambistas.

Como alternativa foi criado o visto J1, para permitir que estudantes universitários, com idades entre 18 e 30 anos, trabalhem legalmente no país por um período máximo de 4 meses. Com isso, os estudantes buscam uma oportunidade de morar e trabalhar em outro país, ganhando experiência de vida e fluência em outro idioma. Tais qualidades são atualmente muito valorizadas na hora de conseguir um lugar no mercado de trabalho.

Com um investimento na faixa de 10 à 12 mil reais (MARQUES, 2007), os pais buscam proporcionar a seus filhos uma oportunidade de crescimento profissional e também pessoal. Para muitos é a primeira experiência de morar sozinho, longe da supervisão dos pais, maximizada pelo fato dos jovens

encontrarem-se em outro país, com cultura e regras de conduta diferentes.
(MARQUES, 2007)

Nesse período de quatro meses os jovens tem que lidar muitas vezes sozinhos com questões práticas, como o pagamento de contas e a arrumação de casa. Responsabilidades assim, para a maioria dos participantes, ficavam a cargo dos pais. Além disso, ele têm de conviver com longas jornadas de trabalho, lidar com patrões, com a barreira da língua, com a diferença das culturas. Hora de amadurecer para muitos.

Geralmente são empregos temporários em hotéis, restaurantes e resorts de cidades com alta temporada de inverno. Podem atuar em funções diversas, como garçons, gerentes, recepcionistas, atendentes, recreadores, instrutores e ajudantes. Não é exigido dos participantes experiências anteriores na área, embora a mesma possa facilitar a obtenção de uma vaga.

Além da oportunidade de ganhar fluência em outro idioma e maturidade, os participantes também vão em busca de dólares. Segundo reportagem do jornal O Globo, disponível no site da agência de intercâmbios IE, os salários variam entre 800 e 1600 dólares. Na mesma reportagem, uma operadora de intercâmbio da agência afirma ser comum que esses jovens retornem ao país com cerca de 3 mil dólares.

Uma das principais exigências, além do vínculo com uma universidade, é algum conhecimento da língua. Mesmo que muitos candidatos busquem a fluência do inglês, os participantes devem apresentar, no mínimo, um nível intermediário na hora da matrícula. Em muitos casos, mesmo com esse nível de inglês considerado satisfatório num primeiro momento, seus conhecimentos linguísticos parecem insuficientes quando postos em prática, o que gera a ocorrência de alguns pequenos

problemas na comunicação, como ficou atestado pelos entrevistados durante o filme. O resultado, depois de algum tempo de atuação no país estrangeiro, é a conquista de uma boa fluência no idioma.

Os ambientes de trabalho são os mais variados, o que faz com que os participantes convivam com pessoas de vários países e culturas diferentes, passando por uma experiência única que levarão consigo para o resto de suas vidas.

3 O PROCESSO DE PRODUÇÃO

No processo de produção foram encontrados diversos tipos de dificuldades, principalmente devido ao uso de um equipamento relativamente novo no mercado, sujeito à algumas falhas técnicas inesperadas. Buscou-se, em todos esses momentos difíceis, encontrar soluções práticas que permitissem o andamento do projeto e, com isso, que se alcançasse o objetivo principal: contar a história desses intercambistas.

3.1 ASPECTOS OPERACIONAIS

Devido ao fato de estar fora do país (e por isso não poder contar com os recursos oferecidos pela Escola de Comunicação), recursos próprios foram usados para a compra de uma câmera, tornando possível a realização do projeto em questão. Procurou-se o maior nível de independência possível, já que o modelo de entrevista adotado permitia que a própria aluna operasse a câmera.

De modo a possibilitar uma maior mobilidade, outro equipamento comprado foi o tripé, evitando maiores preocupações com mudanças de enquadramento. Procurou-se ao máximo não depender de aparatos técnicos que não estivessem à disposição da mesma.

3.1.1 RECURSOS

Para o projeto, excluindo-se a câmera, foram necessários poucos recursos materiais, já que optou-se pela compra de uma câmera de HD, que dispensa a utilização de mídia para a gravação e possibilita a diminuição do tempo necessário

em ilhas de edição. Assim a aluna pôde realizar a decupagem dos vídeos em seu próprio computador, fugindo um pouco da dependência dos laboratórios da faculdade para a realização do projeto.

Em aulas do curso de Rádio e TV foram adquiridos os conhecimentos necessários para a viabilização do projeto, como aspectos da produção audiovisual, aspectos operacionais de câmera, e, é claro, questões relacionadas ao cinema documentário, aspectos indispensáveis à realização do projeto. Os conhecimentos adquiridos permitiram a realização do mesmo.

O quadro a seguir apresenta o orçamento de produção, com valores estimados e também o valor que realmente foi gasto, apresentando as despesas necessárias a uma produção normal, como gastos com equipe e equipamentos. Os gastos relativos a fitas e captação de áudio foram evitados, pois a câmera adquirida utiliza a tecnologia de HD interno, armazenando toda a informação de vídeo e de áudio, (através do microfone da câmera), dispensando a utilização de outras mídias.

Os gastos com pós-produção vêm incluídos em um quadro posterior.

Quadro 1- Orçamento de produção

| Recursos Materiais e Recursos Humanos | Valor estimado | Recursos Financeiros |
|--|-----------------------|-----------------------------|
| Compra da Câmera JVC HDD * | R\$ 840,00 | R\$ 840,00 |
| Compra do Tripé * | R\$ 60,00 | R\$ 60,00 |
| Transporte | R\$32,00 | R\$32,00 |
| Alimentação | R\$ 20,00 | R\$ 20,00 |
| Diretor (a semana)** | R\$ 2800,81 | - |
| Operador de câmera (a semana)** | R\$ 1286,13 | - |
| Total: | R\$ 5018,94 | R\$ 952,00 |

Fonte:

* Bestbuy.com

** Sindicato dos trabalhadores da indústria cinematográfica de São Paulo.

3.1.2 CRONOGRAMA

Quanto ao cronograma, a escolha do tema esteve também intimamente ligada a ele. Houve uma programação para que as etapas de filmagem e pesquisa se realizassem enquanto a aluna, que foi a diretora do projeto, se encontrava fora do país, realizando o mesmo programa de intercâmbio que os entrevistados. Assim, certas atividades vieram a ocorrer com alguma antecedência ao semestre letivo.

A primeira etapa realizada foi a pesquisa de referências, bibliográfica e audiovisual, por considerar-se que auxiliariam nas escolhas de direção e estéticas.

Em seguida, foi realizada a pesquisa sobre o tema abordado e personagens. Essa última pesquisa se prolongou por um determinado tempo, já que se pretendia conhecer os potenciais entrevistados antes do processo de filmagem, de modo a permitir um maior clima de confiança durante as entrevistas. Conhecer a rotina dos entrevistados também facilitou na hora de definir as questões a serem abordadas em cada conversa.

Finalmente veio a etapa de gravação das entrevistas, realizadas em 6 dias não consecutivos (devido a dificuldades em conciliar as agendas dos participantes com os compromissos da diretora), seguida pela fase de pós-produção que veio a ocorrer durante o semestre letivo.

3.2 A Pré-produção

A idéia de filmar algo durante uma viagem ao exterior deu-se como modo de realizar boa parte das etapas de produção fora do país, enquanto participava do programa, para que fosse possível a apresentação do projeto no primeiro semestre de 2007.

No período de pré-produção foi realizada uma pesquisa prévia, bibliográfica e filmográfica, sobre cinema documentário, para ajudar a definir que caminhos escolher e opções estéticas tomar.

Durante o curso das aulas de cinema documentário, anteriores à partida da diretora, ficou decidido que o formato a ser utilizado seria o documentário, seguindo a orientação prévia do professor Fernando Salis sobre a bibliografia, que começou a ser pesquisada ainda antes da viagem e, portanto, da escolha das personagens.

3.2.1 A Escolha do Tema

A escolha do tema surgiu a partir de uma conversa entre mim, Denise Taveira e Gustavo Scofanno, também alunos do curso de Rádio e TV da Escola de Comunicação da UFRJ. Discutíamos sobre possibilidades quando surgiu a idéia de fazer o filme enquanto eu viajava.

Surgiram, inicialmente, duas idéias diferentes. Uma possibilidade seria entrevistar imigrantes brasileiros que vivem no sul da Flórida, o que não foi possível devido à falta de tempo. O outro tema sugerido foi a entrevista de estudantes intercambistas que trabalham e vivem por quatro meses em outro país, assunto bem pouco explorado até então. Apesar de existirem obras institucionais realizadas pelas empresas que oferecem esse tipo de intercâmbio, com esse filme haveria a possibilidade de explorar essa idéia com uma outra perspectiva: a de um intercambista.

A escolha das personagens foi o primeiro passo no processo de produção. Ficou decidido que o filme seguiria a dinâmica de entrevistas e, portanto, a presença e escolha das mesmas seria fundamental para o andamento da obra.

A escolha de não incluir os depoimentos da diretora ocorreu naturalmente, a medida que só havia um membro na equipe durante a fase de produção, ela mesma, não havendo a possibilidade de a aluna contar também a sua experiência. Não foi uma escolha consciente, mas, através das entrevistas das personagens desse filme, também sua experiência está refletida, sendo ela, como eles, uma intercambista na mesma ocasião.

3.3 A Produção

O presente trabalho contou com uma presença bem reduzida de equipe -- a cineasta realizou todo o processo de produção, entrevista e captação de imagens e dos sons. A marcação das entrevistas foi facilitada, já que era resultado apenas da negociação direta com os entrevistados.

A maior dificuldade para o agendamento das entrevistas foi o horário bastante apertado dos estudantes presentes nesse filme. Todos trabalhavam muitas horas por dia, inclusive a cineasta, havendo um grande problema em conciliar as folgas. Devido a isso, as entrevistas foram realizadas uma única vez, já que muitos dos participantes são de estados diferentes, não possibilitando uma segunda tentativa após o retorno ao Brasil.

Não houve negociação para a marcação dos locais onde as entrevistas se realizaram. Todas foram escolhidas e sugeridas aos participantes pela cineasta buscando facilitar o enquadramento das entrevistas no horário apertado dos participantes que colaboraram com o presente projeto. As entrevistas foram concedidas em seus ambientes de trabalho (Renata), e em seus quartos de hotel (Fernando e Nathália).

3.3.1 A Escolha do Equipamento

O problema inicial da produção foi o fato de que, por estar a quilômetros de distância do equipamento disponibilizado pela Escola de Comunicação para a realização do projeto, seria necessário encontrar uma alternativa. A solução encontrada foi a aquisição de um equipamento para a captura das imagens.

Como a câmera teria de ser comprada, isso acarretou mudança no tema. Inicialmente buscava-se um registro da convivência de participantes que morassem na mesma casa. A idéia ficou comprometida porque pretendia-se registrar esse convívio diariamente, desde o princípio da viagem, quando a câmera ainda não havia sido comprada. A falta da câmera acabou acarretando um considerável atraso no início das gravações e, posteriormente, a mudança de modelo.

Não foram utilizados equipamentos de iluminação ou mesmo de captura de som. Contou-se apenas com o microfone da câmera, devido à dificuldade em encontrar tais dispositivos. Entende-se que a falta de tais equipamentos, ou mesmo a inexperiência ocasionaram perda na qualidade do filme. Apesar de algumas falhas técnicas, algumas imperceptíveis pela maioria dos espectadores, acredita-se que a importância maior seja a força das personagens e daquilo que eles têm para compartilhar, mais que essas diferenças técnicas ou estéticas. (LINS, 2004)

3.3.2 Escolha das Personagens

O filme nos apresenta três jovens, Fernando Aguiar, Natália da Silva e Renata Moreno. Cada um traz consigo uma origem e histórias de vidas diferentes, mas compartilharam entre si o desejo de viajar durante suas férias para trabalhar no exterior por um período de quatro meses. Sem se conhecerem, escolheram viver e trabalhar nos Estados Unidos, mais especificamente no sul da Flórida, na cidade de Fort Lauderdale.

Parte-se do princípio da utilização de personagens infames, no sentido formulado por Michael Foucault (LINS, 2004), ou seja, daquele que não é famoso (não no sentido de ser uma depreciação às suas condutas enquanto pessoa).

Entende-se que, mesmo que as entrevistas tenham sido realizadas apenas com participantes de intercâmbio de trabalho no sul do estado da Flórida, não haveria um comprometimento da representação dos outros participantes que escolhem ir para outros estados, já que o registro dessa realidade representaria o todo de alguma maneira, não sendo necessário o registro de todos os cenários possíveis. (LINS,2004)

A escolha das personagens deu-se devido à sua proximidade (em vários aspectos) durante o intercâmbio realizado pela estudante. Entende-se que pretendia com isso contar um pouco de sua própria experiência, através da voz desses entrevistados, unindo-as em uma única voz. (NICHOLS, 2005)

Escolhida as personagens, fez-se necessário um processo de convencimento. Houve certa resistência de todas as personagens em participar do projeto. Em parte temiam a exposição, problema que foi resolvido com o compromisso inicial da direção de não expor o filme fora de ambiente acadêmico. Para a exibição em festivais, como planejado, outro processo de negociação será necessário.

Outra questão que preocupava os intercambistas que colaboraram com o vídeo (e também a direção), foi o fato de não estarem familiarizados com a situação das câmeras. Tal problema foi facilmente contornado assim que o equipamento foi ligado e foram iniciadas as entrevistas.

3.3.2.1 As entrevistas com Natália

A dinâmica escolhida para as entrevistas pretendia relatar *in loco* as experiências dos participantes. Essa escolha foi feita para que não se perdessem as sensações ainda bem vivas por estarem ali, ainda presentes em seus cotidianos.

Durante a decupagem, descobriu-se que o arquivo de sua primeira entrevista havia sido corrompido, fato que será mais bem explicado mais adiante, e a mesma teria de ser realizada novamente. Realizada a segunda entrevista, percebeu-se que essa dinâmica tinha se perdido, por isso, optou-se por não utilizá-la na edição.

3.3.2.1.1 Primeiro dia de gravação

Entrevistado: Natália da Silva

Local: Holliday In, Fort Lauderdale Beach

Equipe: Gabrielle Olivieri de Paiva

Equipamento: HDD Camcorder, tripé

Cronograma de gravação: Entrevista e imagens de apoio

A primeira entrevista realizou-se no quarto do hotel onde alguns intercambistas, inclusive a autora, estavam hospedados durante o programa. A estratégia utilizada inicialmente foi a de começar uma conversa informal, já com a câmera ligada, para que a entrevistada se sentisse mais confortável naquela situação.

Houve uma grande preocupação com a sua aparência para o registro da câmera, e ela optou por usar óculos escuros, mesmo que a entrevista tenha se realizado em um ambiente fechado.

Interessante notar a valorização do passado em detrimento do presente feita por Nathália o tempo todo, a medida em parece haver uma perda de referencial que faz com que ela valorize apenas acontecimentos/realidades antigas. Relatando, portanto, apenas aspectos positivos de um passado que, possivelmente, teve

aspectos negativos também.

Foram realizadas, além da conversa informal, cobertura com imagens do quarto e corredor do hotel, além de imagens de Natália preparando as malas para a volta ao Brasil. Não houve perguntas que não foram respondidas, mesmo porque a entrevistadora buscou não polemizar muito. Como foi a primeira entrevista realizada, ajudou a definir, para as futuras entrevistas, o que funcionava ou não para o projeto.

3.3.2.1.2 Segundo dia de gravação

Entrevistada: Natália da Silva

Local: Shopping Barra Shopping – Barra e Estrada do Catonha – Freguesia

Equipe: Gabrielle Olivieri de Paiva

Equipamento: HDD Camcorder, tripé

Cronograma de gravação: Entrevista

Infelizmente foi necessária a realização de uma nova entrevista, já no Rio de Janeiro. Foi possível constatar uma perda de informação considerável com relação à primeira.

Fez-se a opção por repetir a gravação da entrevista mais como forma de ter uma cobertura maior de imagens, já que grande parte das informações havia sido obtida e registradas durante a conversa informal já citada anteriormente. Houve grande dificuldade em remarcar essa entrevista em função da complicada agenda da estudante de engenharia, somando-se a isso a presença de sua mãe, que tentava interagir o tempo todo com a filha, mesmo durante as filmagens por ignorar que o equipamento captava aquilo o que ela dizia.

3.3.2.2 As entrevistas com Renata

A entrevista com Renata foi realizada em duas etapas, já que houve o interesse em se registrar o cotidiano do trabalho de Renata. Ela trabalhava no mesmo hotel que a diretora, que pretendeu, com isso, registrar também um pouco do seu cotidiano e história.

3.3.2.2.1 Primeiro e segundo dia de gravação

Entrevistado: Renata Moreno

Local: Hotel Fort Lauderdale Grande

Equipe: Gabrielle Olivieri de Paiva

Equipamento: HDD Camcorder, tripé

Cronograma de gravação: Entrevista e imagens de apoio

Na primeira etapa, houve o registro de suas atividades como garçoneiro no restaurante em que servia café da manhã, desde a sua chegada até o início das atividades. A filmagem não deveria atrapalhar o desempenho de suas funções.

Interessante observar seu comportamento em frente às câmeras, realizando suas atividades como se a câmera ali não estivesse, mesmo que não tenha havido nenhuma negociação com relação a isto, dando a impressão do que os defensores do documentário observacional chamaram de testemunho como uma mosca na parede.

No segundo dia, houve a entrevista propriamente dita, realizada também no restaurante, com Renata ainda uniformizada. Apesar de uma resistência inicial, a

conversa deu-se sem grandes problemas ou interrupções. Foi realizada ainda uma cobertura com imagens do restaurante e da marina que o contorna.

3.3.2.3 As entrevistas com Fernando

As entrevistas foram realizadas em seu quarto, no mesmo hotel em que alguns participantes moravam. O local foi escolhido de modo a facilitar a marcação da entrevista. Além disso, representava também um local onde o rapaz se sentiria mais confortável para a realização da mesma.

3.3.2.3.1 Primeiro dia de gravação

Entrevistado: Fernando Aguiar

Local: Holliday In, Fort Lauderdale Beach.

Equipe: Gabrielle Olivieri de Paiva

Equipamento: HDD Camcorder, tripé.

Cronograma de gravação: Entrevista e imagens de apoio

Foi realizada, além da captura da conversa, uma cobertura com imagens da praia, como forma de localizar o hotel e a experiência de viver ali. Como Fernando estava hospedado no último andar, isso acabou rendendo imagens bastante interessantes. Apesar de uma dificuldade inicial com relação à iluminação, foi a mais rica de todas, tendo se estendido por mais tempo que as outras.

3.4 A pós-produção

Trabalhou-se durante, todo o tempo, com um equipamento que gerava arquivos digitais. Essa opção possibilitou uma maior autonomia, mas foi na fase de pós-produção que as falhas ocasionadas por essa opção apareceram, tais como perda de material e imagens corrompidas.

3.4.1 Decupagem

O processo de decupagem foi facilitado devido ao equipamento utilizado. Era uma câmera de HD interno que apresenta uma tecnologia nova, dispensando o uso de mídias para a captura de imagens que podem vir a ser descarregadas diretamente em qualquer computador através de uma entrada USB. Tudo isto poupou bastante as horas que poderiam vir a ser gastas em uma ilha de edição.

Durante a decupagem constatou-se que um dos arquivos mais importantes, a entrevista original e na íntegra de Nathália, havia se corrompido durante o processo de download, obrigando a produção de uma nova entrevista com ela, que teve se ser realizada posteriormente, atrasando a pós-produção.

Também durante o período de decupagem ficou decidida a utilização das imagens que registravam a viagem da realizadora, o que acabou se mostrando decisivo na hora da montagem e do ritmo imposto à narração. Foram captados cerca de três horas de material.

3.4.2 Montagem, edição e finalização.

Desde a idealização do projeto, a fase de montagem, edição e finalização já

estavam previstas para serem realizadas no laboratório de edição da Escola de Comunicação, devido não somente à possibilidade de realizar a edição a um custo reduzido, mas principalmente à possibilidade de enriquecimento do trabalho através da opinião e ajuda de outros estudantes ou monitores.

Por haver dificuldades em remarcar a entrevista com Natália, a edição e montagem tiveram seu cronograma atrasado em quase um mês. Outro problema foi a impossibilidade de encontrar um monitor para auxiliar no processo, somado à dificuldade apresentada com o tipo de arquivo gerado pela câmera (arquivo este que não foi reconhecido pelos computadores do laboratório multimídia).

Frente a todas essas dificuldades e por acreditar que faltava a colaboração de mais uma pessoa (como forma de imprimir outras formas de se entender e tratar o tema) houve a decisão de realizar a edição com o auxílio de uma amiga, também aluna da ECO, Denise Taveira, em seu computador pessoal. O software usado foi o *Adobe Premiere 7.0*. Esta mesma amiga ajudou decisivamente na confecção da arte que compôs a seqüência de abertura e do encerramento do filme, sugerindo a idéia dos carimbos.

Optou-se por identificar cada um dos participantes no início do filme, com seus nomes, idades e lugares de origem. Procurou-se não intervir demais nas imagens com efeitos que não fossem estritamente necessários à edição, utilizando-se apenas algumas imagens de cobertura (como as de Renata trabalhando ou mesmo as imagens de trânsito).

Para a abertura e encerramento, porém, foi possível trabalhar com mais liberdade, brincando com fotos que também registraram a viagem. Uma edição de imagens de trânsito, em velocidades diferentes (com a inserção de uma arte que simula carimbos de passaporte) foi incluída através do próprio *Adobe Premiere*,

assim como a colagem de fotos feita para a seqüência de encerramento.

A maior dificuldade nesse processo foi a geração pela câmera de um tipo de arquivo digital não reconhecido por nenhum *software* de edição. A solução encontrada foi a conversão dos arquivos para outro formato. No entanto, não foi possível a conversão de todos os arquivos, e perdeu-se, nesse processo, algumas seqüências de imagens que viriam a ser usadas como cobertura de imagem.

A falta de um roteiro de filmagem (assim como de montagem) prévio, somado ao fato de que não foi realizada uma transcrição completa das entrevistas, tornou o processo de montagem bem mais longo do que o necessário. Por conta disso, a roteirização acabou ocorrendo durante a edição do filme.

Com a decupagem em mãos, foram selecionados e incluídos no filme os trechos mais interessantes na opinião da diretora, o que acabou gerando uma primeira versão sem coesão. Foi necessária a confecção de várias versões até que se encontrasse a unidade necessária para contar a história do filme, causando um tremendo desgaste. Conclui-se que esse trabalho poderia ter sido facilitado caso houvesse um roteiro prévio.

Houve grande preocupação em não ressaltar apenas aspectos positivos ou somente aspectos negativos, já que esse filme destina-se aos jovens que se interessam por fazer tal tipo de intercâmbio e, porém, não têm nenhum conhecimento mais preciso sobre o assunto.

3.4.2.1 A edição da trilha sonora

Buscou-se, desde o princípio respeitar a integridade daquilo que foi filmado, imagem e som, com a menor interferência possível. Essa escolha implicou em não

inserir trilha sonora que não tivesse sido captada durante a gravação.

Segundo David Lynch, seria essa a metade que, junto a sua outra metade, a imagem, faria um filme funcionar ou não. (LYNCH, *apud* TIRARD, 2002). Com isso em mente, mas respeitando a grande influência que a música exerceria em cada projeto da aluna, pensou-se na inserção de alguma música que representasse o vídeo durante a abertura e durante o encerramento, junto aos créditos.

Durante o processo de decupagem constatou-se a recorrente presença de músicas no estilo Hip Hop nas gravações, devido à grande popularidade do gênero naquela região, no sul da Flórida, junto ao público jovem. Este fato influenciou bastante a escolha das músicas que viriam a compor a trilha sonora do filme.

As músicas de Kanye West, rapper do sul da Flórida, com letras que remetem um pouco à realidade e paisagens locais, acabaram sendo escolhidas por que acreditava-se que letra e melodia encaixavam-se com o contexto do filme. Suas músicas foram escolhidas antes mesmo do processo de montagem, e acabaram influenciando na construção do conceito do filme. As seqüências de abertura e encerramento foram pensadas a partir das melodias presentes nelas.

Não foram considerados os custos de direitos autorais à medida que a presente obra não se destina à exibições públicas, conforme acordado previamente com os entrevistados. Para uma futura exibição em festivais, será necessária a edição de uma nova trilha, devido aos altos custos envolvidos com a utilização de músicas editadas.

3.4.3 Orçamento de pós-produção

Como todo o processo de pós-produção realizou-se sem ônus, já que as

etapas de decupagem foram realizadas na casa da diretora, (assim como a montagem e edição do filme, conforme foi exposto no quadro de produção), pretende-se apenas ilustrar o montante que normalmente seria gasto em uma produção convencional. Os gastos com trilha sonora não foram considerados conforme dito anteriormente. Estão também aqui presentes despesas como gastos com equipe e equipamentos.

Quadro 2- Orçamento de pós-produção

| Recursos Materiais e Recursos Humanos | Valor Estimado | Recursos Financeiros |
|--|-----------------------|-----------------------------|
| Ilha de edição não-linear com operador** | R\$ 90,00 / hora | - |
| Pós-produção de áudio** | R\$100,00 | - |
| Diretor (semana)** | R\$ 2800,81 | - |
| Editor/ Montador (semana)** | R\$ 599,38 | - |
| 5 DVDs com caixa* | R\$ 12,95 | R\$ 12,95 |
| Total: | R\$ 3603,14 | R\$ 12, 95 |

Fonte:

*Americanas.com

**Sindicato dos trabalhadores da indústria de São Paulo.

4 CONCLUSÃO

No livro *Movie Makers' Master Class*, organizado por Laurent Tirard, grandes cineastas como David Lynch e Martin Scorsese defendem a idéia de que filmes devem ser feitos primeiramente para serem interessantes para quem os realiza. Com este projeto, buscou-se construir a narrativa de forma interessante para que o filme fosse realizado e concluído com toda a qualidade possível.

A principal dificuldade sentida foi desempenhar, pela primeira vez, o papel de diretora. Durante todos os projetos realizados durante o curso da graduação, os mesmos foram resultado de um trabalho em equipe. Como dito anteriormente, esse filme, em quase sua totalidade, contou apenas com a presença da aluna, que teve que operar câmera, entrevistar, montar e editar toda a obra, não havendo espaço para uma troca, que sempre revela-se muito enriquecedora. Percebe-se que o trabalho poderia ser muito mais rico com a presença de outros olhares e pontos de vista durante todo o processo.

Com toda essa inexperiência, somada à carência dos equipamentos necessários à permitir uma melhor qualidade técnica, houve uma abertura enorme para erros e acertos, insegurança e questionamentos, até mesmo por parte dos entrevistados, que, por vezes, tentavam assumir a direção.

Foi possível, com esse projeto, aprender que, mesmo em um documentário é necessário ter um roteiro prévio daquilo que se pretende alcançar em cada entrevista, tendo sempre em mente aquilo que se pretende apresentar no seu filme. Saber aquilo que se quer dizer, a maneira como você deseja expôr sua opinião é fundamental no processo.

A extrema autocrítica da aluna aumenta significativamente o peso dos erros quando se busca uma auto avaliação. A impressão é de que o trabalho nunca está

realmente completo ou bom o suficiente, tendo sido modificado e revisto infinitamente. Por vezes repara-se um enquadramento imperfeito, uma pergunta não feita. A conclusão que se pode tirar disso é de que não é possível assumir o controle todo o processo, mesmo com todo o planejamento.

A princípio sabia-se o que se pretendia abordar com o filme, mas não estava bem clara a maneira de alcançar esse objetivo. Houve uma insegurança no momento da produção das entrevistas, pois as escolhas de estética e conteúdo não estavam bem consolidadas, o que acabou gerando bastante transtorno na hora da pós-produção. Com um roteiro de filmagem e de edição, o trabalho seria muito mais simples de se realizar e, talvez, uma maior qualidade teria sido alcançada. Ficou a lição.

O documentário **“Work and Travel”** ofereceu a possibilidade de se experimentar, na prática, a oportunidade de se dirigir uma obra de audiovisual, desde a concepção de sua idéia até a finalização da obra. Isto só foi possível devido aos conhecimentos adquiridos durante a graduação.

Os erros e acertos ajudam a construir um panorama das coisas que funcionaram ou não para esse projeto, e, no apagar das luzes, é possível dizer que a aluna se encontra mais preparada para realizar projetos futuros. Apesar de tudo, acredita-se que o objetivo do filme, que era dar voz aos intercambistas foi alcançado, apesar de qualquer falha técnica que tenha ocorrido por qualquer motivo.

Houve uma grande preocupação em não expor os participantes de maneira que comprometesse suas imagens em nenhum aspecto. A convivência com cada um deles foi de extrema importância para o projeto e mesmo para o crescimento pessoal de sua idealizadora. Viver com eles foi muito benéfico em diferentes

sentidos, já que estiveram presentes em sua vida pelos quatro meses do período do intercâmbio, dividindo experiências, angústias e bons momentos.

5 REFERÊNCIAS

Inscrições abertas, até julho, para estágio no exterior: dez empresas dos EUA oferecem 400 vagas. Salários até 1600. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em <http://www.ie-intercambio.com.br/sobreaie/saiunaimprensa/oglobo_26052002.htm>. Acesso em 12/04/07.

BABILÔNIA 2000, Direção: Eduardo Coutinho. 2001

BERNARDI, F. Universitários aproveitam férias escolares para estudar ou trabalhar no exterior. 2006. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/ci/ge040805.htm>>. Acesso em 12/04/07.

COSTA, K. Intercambista deve tomar cuidado para estadia segura. 2006. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/ci/ge141206.htm>> . Acesso em 12/04/07.

DA-RIN, S. P. Espelho Partido: Transformação do Documentário Cinematográfico. Rio de Janeiro: Ed. Azougue, 2004, 448p.

GRINGOS: Direção: C. Barros. 2005

LINS, C. O cinema de Eduardo Coutinho: uma arte do presente. In: TEIXEIRA, I. C. (Org.). **Documentário no Brasil**. Summus Editorial, 2004. 381p.

NICHOLS, B. **Introdução ao Documentário**. Papyrus, 2005. 272p.

MAFRA, J. R. D. **Modelo para elaboração de propostas de projeto final: Aplicável para monografias ou projetos práticos**. Rio de Janeiro, 2005. Projeto apresentado para a aula Projeto Experimental 1, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MARQUES, H. e RABELO, C. Intercâmbio escravo: O drama dos estudantes brasileiros que vão para o Exterior em busca de melhor formação e acabam escravizados nas mãos de quadrilhas internacionais. **Revista Istoé**, 2007. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em 12/04/07.

SANTA Marta, Direção: Eduardo Coutinho. 1987

TIRARD, L. **Moviemakers' Master Class: Private lessons from the world's foremost directors**. New York: Faber and Faber, 2002. 216p.